

Últimas palavras

Lúcia Granja

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

GRANJA, L. Últimas palavras. In.: *Machado de Assis – antes do livro, o jornal: suporte, mídia e ficção* [online]. São Paulo: Editora Unesp, 2018, pp. 101-102. ISBN: 978-85-9546-281-6. <https://doi.org/10.7476/9788595462816.0004>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

ÚLTIMAS PALAVRAS

Antes do livro, o jornal. Ele protagoniza novidades e dá vida ao que seria perpetuado pelo livro.

O jornal no século XIX constituiu um sistema midiático, sendo ele mesmo um universo textual dinâmico. A circulação das formas textuais fazia-se constantemente no hipertexto do periódico cotidiano, criando uma referencialidade e literaridade deslizantes, em que as transferências entre escrita literária (aí inclusa a ficcional) e jornalística são grandes e constantes. Nesse mesmo processo, a escrita jornalística foi inventada a partir do repositório de formas oferecidas pela literatura, além de operada pelos homens de letras. A partir daí, a estrutura fragmentada que alimentava e dizia a sensibilidade moderna forneceu modelos para as nossas próprias revoluções (literárias, das vanguardas do século XX, estéticas em geral, midiáticas etc.).

Tão longe, tão perto do epicentro da nova civilização criada pelos jornais e impressos, a obra de Machado de Assis, um escritor extremamente sensível às mudanças de seu tempo, ganha se compreendida dentro desse contexto geral. Sensível ele também aos suportes e veículos, se os seus olhos se gastavam diariamente na leitura de diversas folhas, a sua pena movia-se hábil dentro do universo textual em mosaico do qual fora ficando tão íntima, ou seja, dentro daqueles inúmeros textos e colunas dos jornais e revistas com

os quais Machado colaborou à sua época. Fixado aos periódicos por características do seu tempo, o escritor aproveitou as formas dos jornais e revistas (plasticidade da página, circulação entre os textos, escala entre a ficção e a referencialidade), assim como as adaptações brasileiras dadas à publicação periódica (maior elasticidade, coabitação de diferentes formas no mesmo espaço, modificações no corte do romance-folhetim, intensificações advindas da plasticidade) em sua própria criação literária, aludindo ou parodiando todas essas novidades.

Em um esforço constante de busca, a literatura machadiana – tal e qual a dos escritores-jornalistas, cada um em uma diferente escala de intimidade com suportes e veículos – incorpora ideológica e esteticamente o ritmo do cotidiano e as formas das novas formas literárias (o corte do romance-folhetim, por exemplo) ou da Poética dos jornais. A ficção de Machado de Assis passou a desvelar a matéria do viver, mesmo se inverossímil, mas, em que contem as razões filosóficas que embasam os capítulos de negações, é preciso também que se tenha em mente que, no universo do jornal, os modelos literários e o sistema de representação apoiado na narrativa passaram a dizer cotidianamente a realidade recriada pelo imaginário jornalístico. Como se disse, um escritor monstruoso, afeito a construir literariamente em desproporções, usou como fonte de sua escrita literária todas as possibilidades que lhe ofereceram a escrita do folhetim-variedades dominical, assim como a variadíssima gama de formas que a crônica e o próprio jornal admitiam, incorporando em sua própria composição os ritmos da modernidade.